



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

NOEL ROSA EM QUATRO CANÇÕES

Carlos Henrique Matosinhos

Ouro Preto

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Carlos Henrique Matosinhos

NOEL ROSA EM QUATRO CANÇÕES

Recital Palestra apresentado como requisito para graduação no Curso de Licenciatura em Música pelo Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto, sob a orientação do Prof. Dr. Edilson Vicente de Lima.

**Ouro Preto
2018**

M433n Matosinhos, Carlos Henrique.
Noel Rosa em quatro canções [manuscrito] / Carlos Henrique Matosinhos. -
2018.

22f.:

Orientador: Prof. Dr. Edilson Vicente de Lima.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de
Filosofia, Arte e Cultura. Departamento de Música.

1. Rosa, Noel, 1910-1937. 2. Música - História e crítica. 3. Música popular -
Brasil. I. Lima, Edilson Vicente de. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Titulo.

CDU: 784.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

DEPARTAMENTO DE MÚSICA – DEMUS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos sete dias do mês fevereiro 2018, no Prédio do DEMUS, Campus Morro do Cruzeiro, Universidade Federal de Ouro Preto, constituiu-se a Banca Examinadora do Trabalho DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) do discente Carlos Henrique Matosinhos, matrícula 14.1.5009, intitulado “NOEL ROSA EM QUATRO CANÇÕES”, composta pelo Prof .Dr. Edilson Vicente de Lima, Docente Orientador do TCC e os Professores convidados: Prof.^a Doutoranda Barbara Guimarães Penido e Prof. Dr. Bernardo Vescovi Fabris, sendo presidida pelo Docente Orientador. O exame teve início às 17hs00min, com a apresentação do discente, encerrando-se às 18:08. A seguir, a banca reuniu-se para a avaliação final do TCC. As notas atribuídas pelos membros da banca examinadora estão listadas na tabela abaixo.

Docente Orientador	Membro 1	Membro 2	Nota Final
9.0	9.0	9.0	9.0

Desta forma, o foi considerado Carlos Henrique Matosinhos aprovado na unidade curricular TCC.

Observações: o aluno fará conexões superiores pela banca.

Banca Examinadora:

Edilson Vicente de Lima

Prof .Dr. Edilson Vicente de Lima

Docente Orientador de TCC

Barbara Guimarães Penido

Prof.^a Doutoranda Barbara Guimarães Penido

Membro 1

Bernardo Vescovi Fabris

Prof. Dr. Bernardo Vescovi Fabris

Membro 2

Declaro que as correções solicitadas pela banca foram devidamente realizadas pelo discente.

Docente Orientador de TCC

Em 7/2/2018

NOEL ROSA EM QUATRO CANÇÕES

RESUMO: Este trabalho se propõe a apresentar uma breve análise de quatro canções da obra do vasto repertório do compositor Noel de Medeiros Rosa (1910-1937) e mostrar a contribuição de sua obra para a música brasileira, durante as transformações política, social, econômica e cultural na década de 1930.

PALAVRAS-CHAVE: Noel Rosa - Canção - Música brasileira

ABSTRACT: This paper presents a brief analysis of four songs from the vast repertoire of composer Noel de Medeiros Rosa (1910-1937) and shows the contribution of his work to Brazilian music during the political, social, economic and cultural transformations in the 1930s.

Em minha trajetória no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Ouro Preto, o canto foi minha especialização, por isso, busco na canção as relações entre ela com o contexto sócio cultural, histórico, político, bem como com a expressão do humor e do lirismo.

Durante a graduação, tive contato com vários estilos musicais. Convivi com a música em diferentes contextos e abordagens. Aprendi e vivenciei o fazer musical em diversas disciplinas cursadas tais como: práticas pedagógicas, canto coral, estágios, recitais, grupos de performance, harmonia, contraponto, história da música, etc., e sobretudo nas aulas de canto das quais tive a oportunidade de desenvolver e aperfeiçoar a técnica vocal e reiterar o meu encantamento pela canção brasileira.

Baseado nessa paixão pela canção, optei por ser este o tema do trabalho. Dentro da riqueza do universo musical brasileiro que este tema me apresentava, fiz a escolha pelo cancionista, músico e compositor Noel Rosa (1910-1937), por entender a sua importância no cenário da música brasileira.

Neste recital palestra desenvolvo, então, as relações acima mencionadas, na “voz poética” de Noel Rosa no Rio de Janeiro, cidade onde ele nasceu e viveu na década de 1930. Apesar dos poucos anos vividos, sua obra registrada (gravada e impressa) é de aproximadamente 300 canções compostas tanto individualmente, quanto em parceria com vários outros compositores. Dentro deste vasto repertório do legado de Noel, optei por quatro canções de sua autoria, *Quem dá mais*, *Fita amarela*, *Três apitos e Último desejo*, por entender que melhor representam essas relações. Assim sendo, buscarei efetuar uma breve análise a fim de fundamentar o recital.

Apresentação do tema

Nascido no bairro carioca de Vila Isabel, na rua Theodoro da Silva em 11 de dezembro de 1910, Noel de Medeiros Rosa, filho da professora Martha de Medeiro Rosa e do comerciante Manuel Garcia de Medeiros Rosa, seria considerado, ainda em vida, um dos maiores cancioneiros da música brasileira. Seu rebento foi complicado, por ser um bebê enorme de quatro quilos, obrigando o médico a usar o fórceps. Este procedimento afundou seu maxilar e o deixou praticamente sem queixo. A seqüela o acompanhou por toda a sua curta existência, marcando profundamente sua aparência.



Figura 1: Noel Rosa. Fonte: <https://conteudo.imguol.com.br/>. Acessado em: 30 de jan. 2018.

Como apresenta André Diniz em *Noel Rosa: o Poeta do samba e da cidade*, (2010): Vila Isabel era uma das zonas mais musicais do Rio de Janeiro no começo do século XX, criando um cenário fundamental para a formação musical de Noel. Freqüentador dos morros cariocas, Noel foi influenciado pela música dos negros sambistas que lá se produzia. Foi da Vila e dos arredores que surgiu o Bando de Tangarás, grupo musical do qual Noel fazia parte juntamente com Braguinha, Almirante, Henrique Brito e Álvaro de Miranda Ribeiro, o Alvinho. Primeiramente conhecido na zona norte, o Bando de Tangarás foi expandindo sua fama e, rapidamente, se projetou pelo circuito musical do Rio sendo convidado para apresentações em outras bandas.

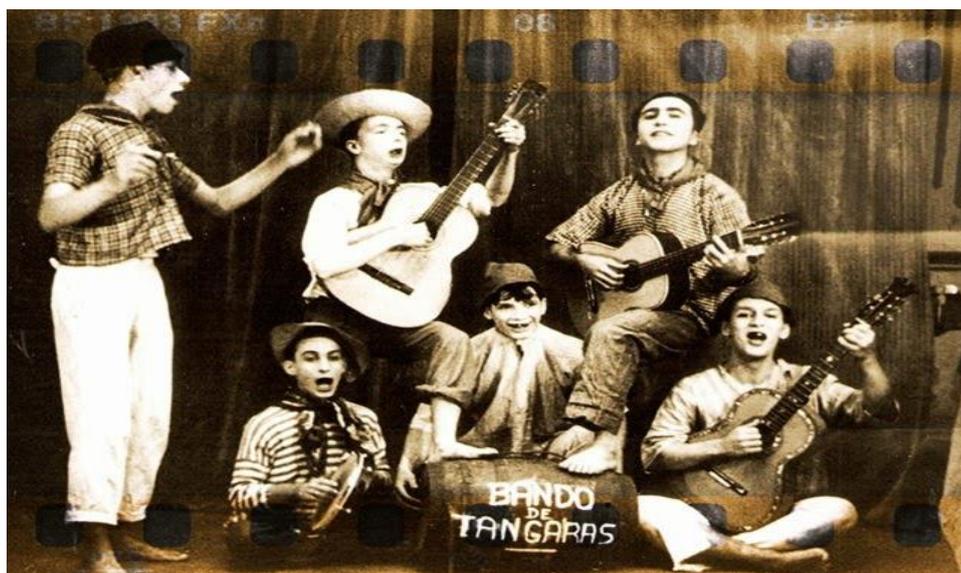


Figura 2: Bando de Tangarás. Fonte: <https://grandearquivo.files.wordpress.com/>. Acesso em: 30 de jan. 2018.



João de Barro (Braguinha), Manoel Lino, Almirante, Luperce Miranda e Noel Rosa, com o violão e o terno branco. Sentados, da esquerda para a direita, Sergio Brito, Daniel Simões e Abelardo Braga, em 1930. Braguinha, Noel e Almirante faziam parte do Bando de Tangarás, junto com Alvinho e Henrique Brito.

Figura 3: Bando de Tangarás. Fonte: André Diniz, Noel Rosa: *O poeta do samba e da cidade*, 2010, p.53.

Dentre os empregos que Noel tinha, a Rádio era o que lhe dava mais estabilidade financeira. Além desse ofício ele comercializava e trocava suas composições, fazia apresentações em shows e participava de gravações de discos. Certa vez ele comprou um automóvel do cantor Francisco Alves e pagou em várias prestações com sambas. Neste veículo, apelidado de “pavão”, ele levava as moças de família para longos passeios pelo Rio de Janeiro. Um desses encontros terminou em matrimônio, como relata André Diniz:

Combinou um passeio noturno com a pequena Lindaura. A moça de família deixou acertado com uma amiga vizinha que, se a mãe perguntasse diria que estava com ela numa festa. Como de hábito, Noel passeou, bebeu, fumou e... dormiu. Até o dia seguinte. A mãe de Lindaura, apavorada porque a menina não tinha dormido em casa, começou a procurá-la pela vizinhança, até descobrir que a filha tinha mentido. Pronto! Delegacia, processo, manchetes em jornais sensacionalistas, pressão para casar. Depois de um tempo, Noel oficializou o casamento com a boa Lindaura, em 1934. (Idem, p.88)

Aos 23 anos de idade, Noel é diagnosticado tuberculoso, doença comum e fatal na época. Apesar disso, não deixou a boemia e nem a vida desregrada de lado. Tentou um tratamento, porém não deu continuidade e, aos 26 anos, em 4 de maio de 1937 morre na mesma casa de Vila Isabel onde havia nascido.



Figura 4: Casa onde nasceu e morreu Noel. Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> Acessado em: 30 de jan. 2018

O cancionista Noel Rosa, tem muitas facetas. Porém, seu humor, muitas vezes crítico, aliado ao seu profundo lirismo, retratando seus amores, sejam reais ou ficcionais, e sempre dentro de contextos cotidianos da vida carioca, fotografando a realidade e a imprimindo em suas canções.

A canção, segundo Álvaro Antônio Caretta, pode ser caracterizada como um “gênero discursivo em que a fala, advinda da esfera discursiva prosaica, associa-se à melodia, um elemento musical, para inserir-se, então, na esfera artística da comunicação” (CARETTA, 2013, p. 107).

Já o humor, segundo Elias Thomé Saliba (2002) nasce da percepção do contrário, da quebra de uma expectativa discursiva, ou dizendo de outro modo, de uma expectativa invertida, logo, da ruptura do determinismo discursivo (p. 23). Porém, ainda segundo Saliba, há uma diferença entre o “cômico” e o “humorístico”: o cômico encerra uma distinção de superioridade e distanciamento entre aquele que ri de algo ou pessoa, numa atitude de hierarquização: quem ri coloca-se numa atitude de julgamento e de superioridade. Já no humor, “é preciso renunciar a distancia e a superioridade”. No humor, portanto, a instabilidade e o estranhamento se abrem para uma polissemia causando o riso, aproximam aquele que ri do que pode ser risível, como numa imagem autorefletida em um espelho estilhaçado, em que a deformação, ou exagero do real que provoca o estranhamento e o riso, constituir-se-ia na própria imagem provocando um estranhamento. Neste caso rir, ou rir-se, seria encarar as próprias ambiguidades e possibilidades inesperadas da própria existência e a consciência da inclusão, horizontalizando as relações sociais (p. 25), ao contrário do cômico, distintivo e hierarquizante, o humor aproxima, horizontaliza e estabelece possibilidade de interação social. Assim, poderíamos

caracterizar a representação humorística, portanto, como aquele esforço inaudito de desmascarar o real, de captar o indizível, de surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis (...) é também, aquele momento rápido da anedota, aquele ouro do instante: ela só consegue revelar o impensado, o indizível ao surpreendê-lo naquele seu momento supremo de estranhamento, que se realiza num átimo (...) e se dilui na vida cotidiana e só de vez em quando brilha e ilumina, como um intervalo de riso e de alegria na rotina dos ritmos repetitivos e diários (Idem, p. 29)

O lírico, como afirma Anatol Rosenfeld: “Pertencerá à Lírica todo poema de extensão menor, na medida em que nele não se cristalizarem personagens nítidos e em que ao contrário, uma voz central – quase sempre um “Eu” – nele exprimir seu próprio estado de alma.” (ROSENFELD, 2008, p.17).

Na obra de Noel Rosa, os três elementos encontram-se ora reunidos ora separados. Como se apresentam nas canções que se seguem.

Primeiro Movimento – Allegro Moderato

A primeira obra analisada, *Fita amarela*, foi composta em 1932, com uma forte dose de humor. Porém, antes de adentrarmos os comentários, descrevo abaixo o texto da canção:

*Quando eu morrer não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela gravada com o nome dela*

*Se existe alma, se há outra encarnação
Eu queria que a mulata sapateasse no meu caixão*

*Não quero flores nem coroa com espinho
Só quero choro de flauta com violão e cavaquinho*

*Estou contente consolado por saber
Que as morenas tão formosas a terra um dia vai comer*

*Não tenho herdeiros, não possuo um só vintém
Eu vivi devendo a todos mas não paguei nada a ninguém*

*Meus inimigos que hoje falam mal de mim
Vão dizer que nunca viram uma pessoa tão boa assim*

Percebe-se na letra desta canção, a sátira em relação à morte, poderia até ser destacado, um certo desdém. O conflito vida e morte, onde a morte é atenuada pela sensualidade e a vida erotizada no sapateado da “mulata” sobre o caixão. O desprendimento que “o poeta da vila” tinha em relação à sua vida. Não que ele desgostasse de viver, analisando parte da obra do artista, é notório o envolvimento que Noel tinha pelos prazeres do corpo e da alma, mas também, o descompromisso com a sua própria saúde, conforme o depoimento de Aracy de Almeida, citado no artigo de Antônio Pedro Tota:

A cada dia Noel consumia mais álcool. Cervejas e biritas, na expressão de Aracy de Almeida, eram lenitivos e anestésicos para a alma perturbada do poeta. Boêmio, ia dormir muito tarde. Chegava em casa com o sol nascendo. Alimentava-se mal. Começava a trabalhar por volta das 5 horas da tarde. Ia para um bar encontrar outros compositores, ou a uma estação de rádio ou gravadora. (TOTA, 2001, p.48).

Esse comportamento hedonista no qual os prazeres da vida são mais relevantes do que a preservação de sua integridade física e moral, nos leva a entender também o desprendimento com a própria vida.

Conforme sintetizado no artigo de Ramiro Lopes Bicca Junior, intitulado *Noel Rosa: a fronteira entre o morro e a cidade* (2011), Noel Rosa protagoniza um papel de mediador entre as classes sociais de um Brasil que estava passando por transformações profundas, tanto no âmbito político quanto cultural. Oriundo de classe média, Noel frequentou bons colégios e um curso de medicina, do qual não se graduou, abandonando a faculdade em prol de sua arte. Circulava pelo mundo burguês, ambientes modernos e europeizados, como o famoso Café Nice, mas tinha predileção pelo samba e pela boemia o que o fazia adentrar o cotidiano dos malandros, seresteiros e compositores do morro, que eram os representantes da antítese burguesia social.

Segundo Movimento – Andante Con Motto

A próxima canção a ser analisada, *Três apitos*, composta em 1933, descreve o desencontro entre o “boêmio” e uma trabalhadora. O texto diz o seguinte:

*Quando o apito da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos eu me lembro de você
Mas você anda sem dúvida bem zangada
E está interessada em fingir que não me vê
Você que atende ao apito de uma chaminé de barro
Por que não atende ao grito tão aflito da buzina do meu carro?*

*Você no inverno sem meias vai pro trabalho
Não faz fé com agasalho nem no frio você crê*

*Mas você é mesmo artigo que não se imita
Quando a fábrica apita faz reclame de você
Nos meus olhos você lê que eu sofro cruelmente
Com ciúmes do gerente impertinente que dá ordens a você*

*Sou do sereno poeta muito noturno
Vou virar guarda-noturno e você sabe por quê
Mas você não sabe que enquanto você faz pano
Faço junto do piano estes versos pra você*

A poesia e a música popular produzida por Noel têm uma estrutura e temática adequada às conquistas modernistas, do ponto de vista da estética, rompendo a tradição poética, onde mostra o lado transformador divergindo dos padrões. Segundo a observação de Lafetá:

O ataque e as maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade), investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser deste tempo. (LAFETÁ, Estética e ideologia: o modernismo em 1930. São Paulo, apud Bicca Junior).

Ainda sobre a visão de Bicca Junior, Noel tinha uma visão que identificava e criticava a modernização trazida do estrangeiro que ocorria na arquitetura e na cultura, ao mesmo tempo em que era influenciado pela Vanguarda Europeia. Tinha uma íntima relação com as tradições do morro – samba e os costumes locais. Diferentemente das ideias defendidas por Mário de Andrade e Villa-Lobos que tendiam a valorizar elementos regionais, a música de Noel incorpora um novo imaginário urbano inspirado nesta experiência modernista.

Terecero Movimento - Allegreto

A canção que se segue, *Quem dá mais?*, foi composta em 1931, classificada por Mayra Pinto (2012) como um samba humorístico. O texto, diz o seguinte:

*Quem dá mais
Por uma mulata que é diplomada em matéria de samba e de batucada
Com as qualidades de moça formosa, fiteira, vaidosa e muito mentirosa?*

*Cinco mil réis, duzentos mil réis, um conto de réis!
Ninguém dá mais de um conto de réis?
O Vasco paga o lote na batata e em vez de barata oferece o Russinho uma mulata.*

*Quem dá mais
Por um violão que toca em falsete que só não tem braço, fundo e cavalete
Pertenceu a Dom Pedro, morou no palácio, foi posto no prego por José Bonifácio?*

*Vinte mil réis, vinte um e quinhentos, cinquenta mil réis!
Ninguém dá mais de cinquenta mil réis?
Quem arremata o lote é um judeu quem garante sou eu pra vendê-lo pelo dobro no museu*

*Quem dá mais
Por um samba feito nas regras da arte sem introdução e sem segunda parte
Só tem estribilho, nasceu no Salgueiro e exprime dois terços do Rio de Janeiro*

*Quem dá mais? Quem é que dá mais de um conto de réis?
(Quem dá mais? Quem dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas), dou-lhe três!
Quanto é que vai ganhar o leiloeiro Que é também brasileiro e em três lotes vendeu o
Brasil inteiro?
Quem dá mais?*

Em 1931, o chargista e conhecido compositor e boêmio carioca Nássara, ganhador de vários concursos de músicas carnavalescas, apresentou Noel a Frazão. Um homem importante do teatro do Rio de Janeiro, Erastótenes Frazão convidou Noel Rosa a participar na composição de uma canção para um espetáculo teatral, gênero então denominado “Teatro de Revista”. A Praça Tiradentes onde estavam localizados o Teatro Recreio, vários bares e cafés, ponto de encontro de compositores, boêmios, artistas, malandros, jornalistas e trabalhadores do teatro, foi a inspiração para a peça “Café com Música” (que estreou no Teatro Recreio no dia 24 de abril de 1931). A canção “Quem dá mais” composta por Noel, especificamente para o quadro “Leilão do Brasil” (TOTA, 2001, p 46), um samba pouco conhecido sendo o único que recebeu o adendo de “humorístico” (MAYRA, 2012, p. 162).

O primeiro “artigo” brasileiro a ser oferecido é a “mulata”¹, logo na primeira estrofe. Noel dá um tratamento à temática que faria arrepiar os estudiosos do gênero. Será fácil fazer uma crítica ao compositor de Vila Isabel sem levar em conta sua época. Mas o tom absolutamente melancólico do leiloeiro que apregoa o “artigo” sugere ao ouvinte que ele não quer se “desfazer” do “produto” (tento relativizar o Noel politicamente incorreto com as aspas). A mulata metamorfoseada em Brasil insere-se na economia de mercado numa antecipação às privatizações feitas, sintomaticamente, em leilões multinacionais: as qualidades são anunciadas e os lances são repetidos monotonamente. Diplomada em matéria de samba e de batucada.

A hiper-erotização da “mulata”, além de “fiteira” e “vaidosa” mesmo num samba mais “político”, denota, ainda, o lugar do negro/a na sociedade da época: a mulher negra sempre associada à sexualidade, e não à sua capacidade em produzir conhecimento elaborado. Além disso, o adjetivo “fiteira”, aquela que faz “fita”, ou seja, manhosa e, é claro, “vaidosa”, ou seja, preocupada somente com sua aparência e seu poder de sedução.

¹ Mulato/a encerra um significado depreciativo, significando, etimologicamente, “mulado”, refere-se ao animal mula, um descendente do cruzamento entre um asno e uma égua, portanto, destacando a fusão de duas raças diferentes. No caso do mulato, o cruzamento das “raças” se daria entre o branco de origem europeia e o negro de origem africana; também, a questão do “mulatismo” estaria ligada às discussões nos escritos freyreanos apondo para uma suposta “democracia racial” que, na verdade nunca se consumou de fato no Brasil; e ainda, encerra um significado social onde a contribuição do negro/a estaria ligado ao seu “intuitivismo”, garantindo, portanto, seu lugar no mundo das artes e, conseqüentemente, da música, e à sua sensualidade e hiper-erotização, traços ainda vigentes em setores conservadores da sociedade atual; em contraposição às tendências racionais da cultura europeia. (NETO, Diósnio). O “mulatismo musical”: processos de canonização na historiografia musical brasileira.

Quem levou a mulata foi o Português do Vasco. A referência ao centroavante Russinho, do Vasco da Gama, deve-se ao fato de o jogador ser o vencedor de um concurso de popularidade, patrocinado por uma indústria de cigarros, que premiou o primeiro colocado com uma baratinha da Chrysler, como eram chamados os automóveis esportivos na época. Mas Noel troca semanticamente a barata por uma mulata. Todo esse jogo de palavras poderia significar o uso das mesmas na questão da sonoridade e da rima.

O poeta, na segunda estrofe, sugere nossa desestruturação cultural: o violão tocado em falsete, um violão que só existe na metáfora. O artigo foi posto no prego pelo patriarca da independência, como forma de levantar fundos para tapar os buracos de nossa dívida externa feita por Dom Pedro I, e arrematado em leilão. Como nos dias atuais, colocando à venda nossos artigos valiosos para o capital estrangeiro por um preço irrisório.

Continuando o leilão, na terceira estrofe estava à venda o Brasil lúdico, do samba que exprime dois terços do Rio de Janeiro, expressão da singularidade cultural brasileira. Dessa forma, Noel aponta, seguindo uma tradição de pensadores do porte, a submissão de uma classe dominante em relação ao capital estrangeiro. A dívida externa, a nossa dependência e o sentido de progresso foram objetos de várias outras composições do autor, tanto só quanto em parcerias. (TOTA, 2001)

Evidentemente que o samba “humorístico”, Quem dá mais, com evidente teor crítico, poderíamos dizer até irônico, seria uma denúncia de que tais artigos (a mulata, o violão e o samba) não podem sintetizar um Brasil que se pretende moderno. Para que o país possa adentrar a um patamar de desenvolvimento político e social nos parâmetros internacionais, deve-se mudar a imagem, até então de dependência, para um status de modernizado; superando, inclusive, preconceitos socioculturais que persistem, lamentavelmente, até os dias atuais.

Quarto Movimento - Largo

A quarta canção, *Último desejo*, composta em 1937, na qual retrata o lado dramático de um “verdadeiro” amor, e desvela seu (des)afeto e a ruptura de uma paixão fervorosa por uma prostituta.



Figura 5: Ceci, a inspiradora de *Último desejo*. Fonte: <https://i.pining.com/> Editado pelo autor. Acesso: 30 de jan. 2018.

Ou dito de outra forma, a tristeza de um deslance amoroso, como podemos ler nos verso que seguem:

*Nosso amor que eu não esqueço e que teve seu começo numa festa de São João
Morre hoje sem foguete, sem retrato e sem bilhete, sem luar, sem violão
Perto de você me calo tudo penso e nada falo, tenho medo de chorar
Nunca mais quero seu beijo, mas meu último desejo você não pode negar*

*Se alguma pessoa amiga pedir que você lhe diga se você me quer ou não
Diga que você me adora que você lamenta e chora a nossa separação
Às pessoas que eu detesto diga sempre que eu não presto que meu lar é o botequim
Que eu arruinei sua vida que eu não mereço a comida que você pagou pra mim*

Desde a impossibilidade de desvelar ou falar dos próprios sentimentos “tudo penso e nada falo” até a irrupção do pranto, em “tenho medo de chorar”, a ponto de recusar o que tem de mais íntimo entre os amantes: o beijo! Desdenhando assim, de seu próprio sentimento.

Na segunda estrofe, ao colocar o elemento social, sejam as “pessoas amigas” ou as “pessoas que detesto”, relevando, no seu poema, a importância do reconhecimento social, seja este positivo ou negativo.

Assim, em seu “samba em forma de testamento”, como retratou Bruno Viveiros Martins (2016), onde

Noel se despede de Ceci. Despojado de qualquer extravagância ou sentimentalismo, ele cantou o amor de maneira simples e requintada, em que letra e melodia são elaboradas de forma cuidadosa. Sua desilusão era uma experiência do mundo real (...) cronista da modernidade urbana seus sambas estão impregnados de vida, mesmo quando o assunto é o fim do amor (MARTINS, 2016).

coda

O que mais me chamou atenção durante as pesquisas na realização desse trabalho foi a capacidade do compositor Noel Rosa em perceber a realidade e, a forma como ele conseguiu relatar em canções essa percepção. Através do humor, da crítica política e social e do seu lirismo, colocou em versos a vida cotidiana de uma sociedade em transformação política e cultural em busca de uma identidade própria. A riqueza de conteúdo e a diversidade de questões abordadas em suas composições mostram toda sua genialidade. Uma obra extensa, composta em um curto período de tempo, sendo quase impossível não imaginar quão maior seria esse legado, se sua vida tivesse sido mais longa.

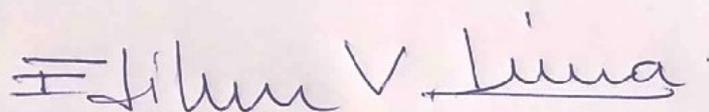
A proposta de apresentar Noel através das quatro canções analisadas, espero eu, ter sido satisfatória. Muito pode-se falar ainda para definir todo o brilhantismo e criatividade de sua mente. O conteúdo de toda a sua obra nos dá material suficiente para uma infinidade de possibilidades de estudo.

Concluo este trabalho com a certeza de ter ampliado meus conhecimentos sobre a importância da contribuição que o “Poeta da Vila”, ou o “Filósofo do samba” deixou para a música brasileira. Um momento da história do Brasil que nunca vai ser esquecido graças ao artista Noel Rosa. Um brinde à arte, outro ao artista!

Referencial bibliográfico

- DINIZ, André (1975) - *Noel Rosa: o poeta do samba e da cidade* – 2010
- VIANNA, Hermano - *O mistério do samba -5ª ed., 2004;*
- PINTO, Mayra – *Noel Rosa: o humor na canção* – 2012. São Paulo, Ateliê Editorial, 2012;
- CHEDIAK, Almir – *Song book: Noel Rosa – Vol. 1,2* (partituras) ;
- SALIBA, Elias Thomé – *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.* São Paulo. Companhia das letras, 2002;
- ROSENFELD, Anatol – *O teatro épico.* São Paulo, Editora Perspectiva, 2006;
- MAXIMO, J. e DIDIER, C. *Noel Rosa, uma biografia.* Brasília, Ed. UNB, 1990;
- CARETTA, A. A. *Estudo dialógico discursivo da canção popular brasileira.* São Paulo, Annablume; Fapesp, 2013;
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço descente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933).* Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: Ed. UFRJ, 2001;
- TOTA, Antônio Pedro. *Cultura, Política e modernidade em Noel Rosa.* In Revista São Paulo em Perspectiva. Vol. 15 nº. 3, São Paulo Jul. /Set. 2001.
- BICCA JUNIOR, Ramiro Lopes. *Noel Rosa: a fronteira entre o morro e a cidade.* In Fênix – Revista de História e estudos culturais, Vol. 08, Ano VIII, nº03, Set. / Out. / Nov. /Dez., 2001;

Certifico que o aluno Carlos Henrique Matosinhos, autor do trabalho de conclusão de curso intitulado “Noel Rosa em quatro canções”, efetuou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.



Edilson Vicente de Lima - Orientador